



## Patrick Sériot e Volochínov: um encontro crítico<sup>1</sup>

### *Patrick Sériot and Volochínov: a critical meeting*

Dagoberto Buim Arena\*

Adriana Pastorello Buim Arena\*\*

#### Resumo

Pesquisas recentes sobre o chamado Círculo de Mikhail Bakhtin apresentam dados importantes e relevantes para os estudos da área da linguagem. Conceitos foram revisitados e a paternidade das obras foi reexaminada. Embora existam opiniões contrárias, o presente ensaio considera Valentin Nikolaevich Volochínov como autor da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem (MFL)*, com base nos argumentos de Patrick Sériot, Craig Brandist, Jean-Paul Bronckart e Cristian Bota. A publicação brasileira desse livro pela editora Hucitec teve como referência a edição francesa, de 1977, de Les Editions Minuit, com prefácio de Roman Jakobson (1896-1982), introdução escrita por Marina Yaguello e uma curiosa inserção: após o nome do autor – Mikhail Bakhtin – havia entre parênteses outro nome - Volochínov. O objetivo deste texto é o de apresentar as críticas que o francês Sériot faz em relação às estratégias argumentativas de Volochínov contra o pensamento saussuriano. O pesquisador francês demonstra, com argumentos baseados em termos e expressões, que Volochínov não criou uma nova terminologia no campo da filosofia da linguagem, mas fez algumas adaptações para o contexto da Rússia do início do século XX. Muitos termos e expressões empregadas no russo pelo escritor, conforme afirma Sériot (2010), circulavam entre a intelectualidade da época com o mesmo tom dubio por ele empregado. Reinterpretadas ao longo das décadas por diferentes correntes teóricas e em países diferentes, essas expressões solicitam releituras em contexto, isto é, no espaço e tempo das primeiras três primeiras décadas do século XX. Sériot apresenta MFL como um texto de natureza monológica. Essa conclusão, contudo, não desqualifica as reformulações dos conceitos no campo da filosofia da linguagem que mudaram o mundo intelectual nessa esfera das pesquisas, na Rússia e no mundo ocidental.

**Palavras-chave:** Linguagem. Argumentação. Volochínov. Círculo de Bakhtin.

#### Abstract

Recent researches on the so-called circle of Mikhail Bakhtin present important and relevant data to studies in the area of language. Concepts are revisited and the paternity of the works was reviewed. Although there are contrary opinions, this paper considers Valentin Nikolaevich Volochinov the author of *Marxism and Philosophy of Language: fundamental problems of Sociological Method in Science of Language (MFL)*, based on the arguments of Patrick Seriot, Craig Brandist, Jean-Paul Bronckart and Cristian Bota. The Brazilian publication of this book by Hucitec had as reference Les Editions Minuit's 1977 French edition, with a foreword by Roman Jakobson (1896-1982), with an introduction written by Marina Yaguello and a curious inclusion: after the author's name - Mikhail Bakhtin - there was another name in parentheses - Voloshinov. The aim of this paper is to present the critique by the French Seriot about Voloshinov's argumentative strategies against Saussurean thought. The French researcher demonstrates with arguments based on terms and expressions that Voloshinov did not create a new terminology in the field of philosophy of language, but made some adjustments to the context of the Russia of the early twentieth century. Many terms and expressions used in Russian by Voloshinov, as stated Seriot (2010), circulated among the intelligentsia of the time with the same dubious tone that he used. Reinterpreted over the decades by different theoretical approaches in different countries, these expressions request reinterpretations in context, that is, in space and time of the first three decades of the twentieth century. Seriot presents MFL as a text of monological nature. This conclusion, however, does not disqualify the reformulation of concepts in the field of philosophy of language that changed the intellectual world in this sphere of research in Russia and the Western world.

**Keyword:** Language. Argument. Voloshinov. Circle of Bakhtin.

\* Uma versão deste artigo foi apresentada no III Seminário Internacional de Estudos sobre Discurso e Argumentação (SEDiAr), realizado no período de 1 a 3 de junho de 2016, na Universidade Federal de Sergipe. Foram introduzidas notas de rodapé. Auxílio financeiro da FAPESP e FAPEMIG.

\* Livre docente. Doutor em Educação. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Departamento de Didática da Unesp - Campus de Marília. UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Campus de Marília.

\* Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Professora da Universidade Federal de Uberlândia  
Contatos: : dagobertobuim@gmail.com; dricapastorello@gmail.com

## Introdução

Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975), ou somente Bakhtin, oxigenou o universo dos estudos linguísticos europeus em 1977, principalmente os franceses, quando da divulgação de um de seus livros que causaria reorientações nas abordagens de pesquisas sobre linguagem também no Brasil: *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (MFL). A publicação brasileira desse livro pela Hucitec teve como referência a edição francesa, de 1977, de *Les Editions Minuit*, com prefácio de Roman Jakobson (1896-1982), introdução de Marina Yaguello e uma curiosa inserção: após o nome do autor havia (e há) entre parênteses outro nome, o de Volochínov. Explicações dadas ao leitor no prefácio referem-se a uma estranha estratégia bakhtiniana: usar o nome de amigos para burlar a censura soviética nos anos de 1920.

Nos últimos anos do século XX e nas primeiras décadas deste século, pesquisas minuciosas desvelaram aspectos obscuros da vida e da obra de Mikhail Bakhtin, que não podem mais ser ignorados pelos investigadores da área da linguagem e especificamente pelos que são atravessados por conceitos elaborados ou reelaborados pelo chamado Círculo de Bakhtin. Esses novos fatos, dados à luz por pesquisadores como Patrick Sériot (2010), Craig Brandist (2012), Jean-Paul Bronckart e Cristian Bota (2012), não podem ser menosprezados pelos pesquisadores brasileiros, motivo pelo qual este trabalho parte do princípio defendido por esses autores de que a obra é de autoria de Valentin Nikolaevich Volochínov (1895-1936), apesar das controvérsias ainda existentes. Os argumentos empregados pelos autores citados, que sustentam a nossa escolha neste trabalho, não serão aqui retomados, porque o nosso objetivo é esclarecer alguns pontos de partida que orientam nossas reflexões no interior do simpósio, que tem como propósito a discussão sobre “as possíveis relações entre a obra do Círculo de Bakhtin e o estudo da argumentação”.

Ao nos debruçarmos sobre a mais recente tradução da obra MFL para o francês, feita por Patrick Sériot (2010)<sup>2</sup>, e o longo prefácio por ele elaborado, nos encontramos com dois eixos que se destacam: o primeiro, obviamente, apresenta provas e argumentos que justificam a atribuição da autoria a Volochínov; o segundo, provocativo, elabora um conjunto de argumentos críticos ligados ao próprio modo como Volochínov apresenta seus argumentos para defender seus pontos de vista em relação a alguns conceitos na esfera dos estudos linguísticos, principalmente os de Saussure e os dos formalistas russos. Este segundo eixo, severamente crítico, nos parece merecer algumas considerações por se aproximar do tema do simpósio, isto é, da possível contribuição das obras do Círculo de Bakhtin para os estudos sobre argumentação.

Não se trata, claramente, de apreciar a contribuição dos conceitos do Círculo para os estudos de argumentação nas teorias da Análise do Discurso, mas de visitar as críticas que Sériot (2010) faz a respeito das estratégias argumentativas de Volochínov em MFL. Por essa razão, este trabalho tem objetivos restritos e modestos, uma vez que selecionará e comentará apenas algumas das observações do autor francês, que se reportam frequentemente ao texto original em russo publicado em 1929. A análise criteriosa de Sériot considera que MFL não tem a estrutura textual de um amplo estudo sobre a filosofia da linguagem, mas a de um manifesto elaborado com objetivos bem definidos: o de combater, de um lado, o pensamento da linguística de Genebra, cujo expoente brilhante era Ferdinand de Saussure (1857-1913), e de outro, de se aliar ao pensamento de Munique, representado pelo linguista alemão Vossler (1872-1949).

Sob o título de “método sociológico nas ciências da linguagem”, MFL é, fundamentalmente, um empreendimento de refutação da linguística saussuriana fundado sobre um mal-entendido epistemológico, consistindo a tomar o estudo das formas gramaticais pelo positivismo e a confundir o objeto real e seu modelo construído (SÉRIOT, 2010, p. 93).

Assim considerado, o manifesto apresenta um conjunto de argumentos e de estratégias argumentativas próprias, mas que não consideram a amplitude do leque teórico de pesquisas sobre filosofia da linguagem e sobre linguística da época em que a obra foi escrita, nem uma detalhada análise de dados empíricos sob uma perspectiva sociológica, como era a declarada por Volochínov.

Muitos termos e expressões empregadas no russo pelo autor, conforme afirma Sériot (2010), circulavam entre a intelectualidade da época com o mesmo tom dúbio por ele empregado. Reinterpretadas ao longo das décadas por diferentes correntes teóricas, em países também diferentes, essas expressões solicitam, segundo afirma, releituras em contexto, isto é, no espaço e tempo das três primeiras décadas do século XX. Inna Tilkowsky, co-tradutora da recente edição francesa, publicou, em 2012, sua tese de doutorado *Volosinov en Contexte*, orientada por Sériot (2012), com o

<sup>2</sup> Em 2015, o prefácio de Sériot foi publicado no Brasil, isolado da obra MFL, pela Parábola Editorial, em tradução de Marcos Bagno (SÉRIOT, 2015), mas este artigo toma como referência o original francês.

objetivo de dar a público as fontes das quais Volochínov bebia e com as quais dialogava nos anos iniciais do século XX. A ampliação desse conhecimento considera também os princípios defendidos pelos membros do suposto Círculo, segundo os quais uma obra não pode ser sacada de seu lugar e de seu tempo, de seu cronotopo, sem que corra o risco de sofrer reducionismos. A pesquisadora afirma que ela

queria verificar uma hipótese. Pode-se a formular como alguma coisa assim: O contexto intelectual geral da época (o “macrocontexto”) no qual trabalha um pesquisador (em meu caso, Volosinov) exerce um papel de primeiro plano na interpretação de sua obra, porque ele permite apropriar o sistema de seu pensamento e compreender suas ideias (TYLKOWSKI, 2012, p. 31).

Não é nossa intenção mapear esse contexto, mas o seu conhecimento poderá trazer importantes aportes para os leitores de MFL<sup>3</sup>.

## 1 Entre o elo e a separação

Volochínov teria composto, para sustentar seus argumentos contra os escritos do pensamento da escola de Genebra, dos quais tivera conhecimento na Rússia, alguns filtros formulados com base em suas leituras e adaptações de pesquisas alemãs, entre as quais a linguística de Humboldt, adaptada ao marxismo, e o idealismo estético, adaptado a uma concepção sociológica. Nesse quadro, no qual se inserem outros pesquisadores, professores do Instituto onde estudara em Petrogrado (hoje São Petersburgo), Volochínov teria introduzido alguns conceitos que fundamentariam sua argumentação futura. Sériot (2010, p. 82) assim apresenta parcialmente as fórmulas dessas adaptações:

Pode-se reconstituir seu sistema de correspondência: “espírito” torna-se “ideologia” e (as *Geisteswissenschaften* [as Ciências do Espírito] de Dilthey tornam-se “ciências das ideologias”), “cultura” torna-se “superestrutura”, “individual” torna-se “social” (no sentido interindividual) “neofilologia idealista” torna-se “poética sociológica”, mas “criação” (*Shöpfung*) permanece “criação” (*tvocestvo*). (Grifos do autor).

A intenção de Sériot é a de apontar que ele não criara nova terminologia, mas fizera adaptações das existentes para aproximá-las de seu universo de estudos, com sentidos cambiáveis conforme a esfera por onde as palavras transitavam, como é o caso, já fartamente discutido, dos conceitos de ideologia e de ciências das ideologias, de cultura e de superestrutura, que transitavam e transitam contraditoriamente nas esferas marxistas.

A aproximação de Volochínov do pensamento alemão estabeleceria estreita ligação com Vossler notadamente pela refutação que este faz ao método dos neogramáticos e, ao mesmo tempo, pela preocupação com estudos de ligação entre as manifestações da língua e as manifestações da cultura de um povo. Essa ênfase ao elo, isto é, à organicidade entre língua, linguagem e cultura, forneceria a Volochínov as bases de sua argumentação contra todo pensamento defensor da separação entre língua, linguagem e cultura com finalidades de estudo e de pesquisa.

A ruptura das fronteiras fortemente demarcadas entre os campos de estudo e a sempre necessária contextualização das manifestações de linguagem compõem o que Sériot denomina de teoria do elo (SÉRIOT, 2010, p. 82). Para justificar sua afirmação, insere um trecho de MFL em que Volochínov entende haver um abismo entre dois pontos de vista: o de apreciar uma obra dentro do próprio sistema da língua e o de aplicar o mesmo modelo nas relações dela com as unidades concretas da vida literária. Essa atitude intelectual confirma os princípios de uma teoria que elege a ligação como conduta intelectual de pesquisa, enquanto desqualifica a separação entre as unidades constituintes de um todo.

Ele assume, dentro dos embates contra a invasão das ideias de Saussure na Rússia, o princípio epistemológico de refutar qualquer “autonomia da língua, de toda *separação* entre a língua (ou a linguagem) e seu exterior”. (SÉRIOT, 2010, p. 83) O grifo feito por Sériot na palavra *separação* manifesta a sua afirmação sobre a obsessão de compreender Volochínov como militante intelectual que se contrapunha aos estudos de língua restritos ao interior do próprio universo linguístico.

A construção dos seus enunciados argumentativos incluía expressões em russo, traduzidas por Sériot para o francês, que revelam essa obsessão, reafirmando, parágrafo após parágrafo, a intenção de demarcar claramente a visão

---

<sup>3</sup> Convém destacar que o nome de Volochínov terá variações ortográficas neste trabalho, porque serão obedecidas a grafia utilizada na versão brasileira (*Volochínov*) e a registrada nos livros em francês (*Volosinov*) que nos servem de referência. Todas as traduções de citações de obras francesas e de termos em alemão são de responsabilidade dos autores deste trabalho.

epistemológica de seus estudos. Vale a pena inserir aqui os apontamentos feitos por ele a respeito das expressões empregadas por Volochínov, primeiramente em russo, seguida da versão francesa e de sua tradução para o português:

Donde a grande frequência de palavras como (*nerazryvnaja organiceskaja svjaz'* [lien (indissoluble, organique)], (indissolúvel, orgânico), *soedineny mezdu soboj* [reliés entre eux] (religados entre eles), *zivoj sintez* [synthèse vivante] (síntese viva), *soprjazeny* [reunis] (reunidos), *tesno svjazany* [étroitement liés] (estritamente ligados), *nerazryvno svjazany* [indissolublement liés] (indissolúvelmente ligados), *nerazryvno spleteny* [indissolublement entrelaces] (indissolúvelmente entrelaçados), *neotdelmy* [inséparables] (inseparáveis) e de seus corolários inversos, sempre precedidos de *nel'zja* [il ne faut pas] (não é preciso), *otryat'* [détacher] (separar), *obosablivat* [isoler] (isolar), *razryvat'* [dissocier] (dissociar), *otdeljat'* [separer] (separar), *izolirovat'* [isoler] (isolar), *razdeljat'* [diviser] (dividir). Essa fascinação pelo elo e essa angústia pela separação, apesar de sua presença insistente, não surpreende, porque elas faziam parte, na época, de um conjunto de sinônimos do tripé [do alemão] *Zusammenhang* (contexto) / *Verhältnis* (relações) / *Ganzheit* (todo) que se vai encontrar também em Jakobson, cujo estruturalismo surpreendente, nos anos vinte e trinta, repousava explicitamente sobre o *metod uvjazki* [méthode du liage] (método da ligação) (SÉRIOT, 2010, p. 83).

O levantamento minucioso de Sériot se presta a alimentar seus argumentos para sustentar a tese de que Volochínov desenvolvera uma espécie de ideia fixa em torno do conceito de elo, de ligação, em contraposição ao ideário linguístico da escola de Genebra, cujos princípios aparentemente isolavam, separavam e dissociavam a língua da cultura, da qual fazia parte indissolúvel. A observação de que essas palavras tinham sua origem nos estudos de linguagem e de filosofia na Alemanha, reforça, pelos conceitos de contexto, relações e todo, o pressuposto de refutar o pretendido isolamento da língua e o desprezo pelos estudos sobre o conceito de linguagem. Curiosamente, Sériot sugere que também Jakobson, representante dos formalistas, praticava o que seria um método de ligação.

Os argumentos empregados por Volochínov contra Saussure fazem parte de um conjunto de manifestações a partir da entrada, na Rússia, do *Curso de Linguística Geral* em francês, em 1923, pelas mãos de Jakobson, que o recebera em Praga enviado por Sechehayé, discípulo de Saussure. Muito aceso estaria nessa época o debate sobre os conceitos de língua e de linguagem, que atravessariam os estudos de filosofia da linguagem e da linguística ao longo do século XX.

É interessante acompanhar Sériot através de sua análise a respeito desse debate do começo dos anos vinte do século XX na intelectualidade russa, e a sua afirmação de que cada época retém do mesmo texto o que faz sentido para os membros das correntes de pensamento que compõem o ideário nesse espaço-tempo. Por essa razão, a tradução de MFL para o francês, em 1977, revela os traços de uma leitura com certo viés estruturalista, cujos princípios eram então predominantes na França, mas que não contemplavam a ansiedade da esquerda intelectual francesa, que lançava olhos devoradores em direção ao que fora produzido no leste na era pré-stalinista. Ao encontrarem MFL atribuído a Bakhtin, os intelectuais encontraram uma saída para o impasse.

Como afirma Sériot (2010), seria preciso fazer atualmente um esforço contextual de abandonar um Bakhtin afrancesado, como autor de MFL, para reencontrar um Volochínov originalmente russo. Dizendo de outro modo, será preciso voltar a Volochínov e aos anos vinte na Rússia para melhor ler MFL. As observações a respeito do pêndulo argumentativo entre os conceitos de língua e linguagem naqueles tempos são assim registrados por Sériot (2010, p. 84):

Não mais que em outros países, não se nota a oposição fundamental entre a *linguagem* como objeto inapreensível e irreconhecível e a *língua* como objeto próprio da linguística. Uma primeira tradução do *Cours*, não publicada, mas que circula em Leningrado nos anos vinte, feita por Aleksandr Romm, representa a tríade linguagem, língua, discurso por *rec / jazyk / govorente* (esta é a terminologia que retoma em parte Volosinov), enquanto que a tradução que finalmente vem a público em 1933 utiliza *jazykovaja dejatel'nos'* [atividade de linguagem] / *jazyk / rec'*. Em nenhum dos dois casos a oposição linguagem/língua é apresentada sob o ângulo de um problema de conhecimento, ela é mais um aspecto da nebulosidade languageira na qual a *linguagem* tende a se confundir com *discurso* como atividade “real”, “concreta”, se opondo à *língua* como sistema abstrato.

Na visão de Sériot, a tradução de Saussure para o russo não dava destaque aos conceitos diferenciados de língua e linguagem como teria nos trabalhos de Volochínov. O emprego de termos russos variava ao gosto do tradutor e da dubiedade própria das palavras, sem preocupações de cunho epistemológico, tema que será caro ao estudioso russo que entenderá a linguagem como o objeto a ser investigado, porque manteria os vínculos com o contexto cultural em que se manifesta e com os homens em diálogo, enquanto a língua estaria imobilizada nas entranhas de seu próprio sistema.

A sua disposição quase obsessiva contra o pensamento genebrino o leva, segundo Sériot, a desprezar, no conjunto de sua argumentação, outras correntes linguísticas mais próximas ou mais afastadas de seu ponto de vista, entre as quais a de Michel Bréal e seu livro *Essai de Sémantique*, publicado, em 1897, pela Hachette em Paris, que defendia o princípio de que as palavras são signos e apresentava uma abordagem social e semântica da linguagem, portanto também adversário das posições de ordem filológica. Uma das preocupações de Volochínov sobre a relação língua/linguagem era a de encontrar o que considerava a verdadeira essência da linguagem e, por essa razão, desconsiderava as abstrações, entendidas por ele como puras ficções, para dedicar-se profundamente a descrever “os eventos sociais não-reiteráveis que são os *enunciados*, momentos únicos e singulares desse processo vivo, em perpétuo devir, que é para ele a língua-linguagem” (SÉRIOT, p. 2010, p. 85). Compreende-se que Volochínov poderia ter incorporado outros pesquisadores para compor o conjunto de sua argumentação em busca da conceituação de língua e linguagem, mas as suas manifestações argumentativas deságuam em um manifesto antissaussureano, com afirmações muito amplas, segundo Sériot. É esse o tema do próximo tópico.

## 2 Um Volochínov pouco dialógico

Um dos traços mais destacados da obra de Volochínov e da de Bakhtin é o conceito de dialogismo, segundo o qual o universo humano é constituído por um ininterrupto diálogo entre os seres humanos, em que o *Outro*, isto é, o *tu*, ocupa um lugar mais importante que o próprio *eu* na constituição do sujeito. Por esse princípio, ao elaborar argumentos, o sujeito considera o *outro* como interlocutor em posição sempre responsiva, atitude necessária para a continuidade do diálogo e para a progressão da argumentação. Por essa razão, o *outro* assume o discurso em seu turno, passando da posição do *tu* para a do *eu* nesse processo dialógico.

É frequente em trabalhos acadêmicos nos dias atuais o uso de contestações em que o contestante oferece ao contestador, por meio das citações, o direito de se manifestar, mesmo que seja ele o primeiro a escolher os trechos a serem contestados. Há um diálogo travado diretamente com as palavras do *outro*. Não é esta a conduta de Volochínov em relação a Saussure, segundo Sériot (2010), que lhe atribui um discurso acentuadamente monológico por não dar a palavra diretamente ao *outro*. Sua atitude intelectual é a de apenas reportar o discurso, isto é, de interpretar as explicações do *outro* de acordo com o seu quadro epistemológico e a partir de sua interpretação ao contestar. Em sua apreciação crítica sobre os enunciados em MFL, Sériot (2010, p. 86) se manifesta sem rodeios sobre essa conduta de Volochínov:

Volosinov pratica uma arte do “diálogo” particularmente monológico: não somente ele não concede nenhuma possibilidade a seus adversários de fazer ouvir sua própria voz, mas ainda ele *fala em lugar deles*, ele interpreta suas palavras através de sua grade conceitual para em seguida colocar suas contestações. O outro é sempre um *ele*, jamais um *tu*. [...] Em Volosinov o outro é literalmente privado do discurso. Globalmente juntados sob a denominação genérica anônima como “os linguistas”, “a linguística”, “toda a semasiologia européia” (MPF, p. 74), os adversários de Volosinov são esmagados por um discurso de quem dá lições.

Para evitar cair no mesmo equívoco, Sériot registra um amplo conjunto de enunciados em que o pesquisador russo atribui, de modo genérico, ideias aos grupos ou correntes com os quais deseja estabelecer o confronto, para então delimitar seus pontos de vista, como este enunciado muito conhecido dos leitores de MFL e por ele citado: “Nenhum representante do objetivismo abstrato chegou a uma compreensão clara do tipo de funcionamento que é próprio à língua como sistema objetivo (MPL, p. 68)”. (SÉRIOT, 2010, p. 86). Há razões para a crítica de Sériot a Volochínov, porque há expressões genéricas (*nenhum representante*), uma categorização não compartilhada pelo *outro* (*objetivismo abstrato*) e uma interpretação do que o *outro* poderia ter tido (*uma compreensão clara*) e a negação do percurso intelectual do *outro* em relação ao objeto que ele conceitua (*nenhum chegou ao funcionamento da língua*). Para Sériot, Volochínov cometeu outro grande engano, juntamente com outros críticos de Saussure: o de não conseguir ver o princípio saussureano da criação do objeto de estudo pelo ponto de vista de quem o estuda. Os objetos de estudo de um e de outro não se encontram, não se cruzam, porque estariam postos em campos diferentes, sob pontos de vista também diferentes.

Sériot não vê motivos para a exposição de argumentos contra o pensamento saussureano e critica Volochínov por se apoiar “na pesquisa da *essência real* da linguagem para reivindicar para si o único método de investigação. Reprovar os formalistas de não se interessar senão pelas formas é fora de propósito: reprovar o padeiro por não vender peixes?” (SÉRIOT, 2010, p. 87). Na continuidade de sua crítica, entende que uma e outra corrente dão as explicações possíveis dentro de seus limites. Do mesmo modo que os pares mínimos não podem ser explicados pelo ponto de vista de Volochínov, o conceito de signo ideológico não teria como ser abordado pelo ponto de vista saussureano. Cada um

com seus limites e cada um com sua contribuição, segundo Sériot (2010), mas esses argumentos não são encontrados em MFL, porque eles não seriam nada dialógicos:

É difícil de encontrar texto mais anti-dialógico que MFL, discurso de verdade, palavra autoritária que não admite hipótese. Volosinov não duvida jamais; ele não examina as teses adversas ou os contra-argumentos potenciais; ele diz com certeza as verdades, destinadas a destituir os adversários. Sua argumentação se resume a esquemas simples, puras afirmações sobre o modo de ser, que não se embaraça nos argumentos:

*Todo X é sempre Y, nenhum X é Z, não há jamais X sem W, nenhum X é Z sem W, a verdadeira natureza de X é de ser Y.*

Seu método não é empírico: este sociólogo não leva nenhuma pesquisa de campo, nem recolhe algum corpus. Mas é difícil de falar igualmente de método indutivo (SÉRIOT, 2010, p. 87-88).

Os leitores brasileiros da versão de MFL, cujo nome principal de autoria é Bakhtin, certamente já se interrogaram a respeito de afirmações tão enfáticas e sem referências ali encontradas, mas, em atitude condescendente, atribuem esse fato à escrita acadêmica de um país e de uma época, em vez de julgar tratar-se apenas de conduta própria do autor. Mas assim não pensa Sériot, do mesmo modo que não entende, assim como outros leitores também não entendem, como uma pesquisa sobre linguagem de um ponto de vista sociológico pode desprezar a análise de dados coletados nos diálogos dos homens nos campos e nas ruas, e, em vez disso, forjar um diálogo inexistente para explicar o deslize de sentidos das palavras de acordo com o contexto idealizado. Essa conduta de pesquisador pode parecer estranha a um sociolinguista dos tempos atuais, mas é também estranha a outros, de outras áreas próximas, como Sériot.

O trecho conhecido dos leitores de MFL que narra um diálogo quase monossilábico entre duas pessoas a olhar a neve de dentro de casa demonstra, para Sériot, a ausência de dados que poderiam ser coletados em contexto real. O intuito de Volochínov é o de demonstrar as limitações dos elementos estudados pelos formalistas linguísticos para compreender as palavras ditas na situação por ele criada, em que somente o contexto social pode explicar, porque “o objeto que ele procura, não o de construir, mas o de promover o “enunciado” (vyskazyvanie), tem alguma coisa particular de ser (1) “não-reiterável” e (2) cognoscível e compreensível exclusivamente em um contexto concreto (SÉRIOT, 2010, p. 88).

Na situação criada por Volochínov para valorizar o contexto dialógico entre dois moradores de um campo no final do inverno russo, e também para destacar o elo entre linguagem e contexto, aparece uma clara contradição ao desprezar o dado real em um contexto real, vivo, forjado na vida. Ali estariam sendo elaborados efetivamente enunciados não-reiteráveis, únicos, compreendidos em um contexto da vida.

## Considerações finais

Este ensaio, como anunciado na introdução, não tinha a pretensão de analisar conceitos difundidos pelos membros do chamado Círculo de Bakhtin que pudessem ser empregados em discursos argumentativos, mas outra intenção, bem mais limitada, de revisitar as condutas argumentativas de Volochínov em MFL e alguns termos por ele utilizados para, supostamente, dialogar com seus adversários intelectuais. Essa tarefa, todavia, não foi executada diretamente pelos autores deste artigo, mas conduzida pelas páginas do prefácio que Patrick Sériot (2010) fez à tradução para o francês feita por ele mesmo e por Inna Tilkowski-Ageeva.

O intuito era, e esperamos tê-lo cumprido, dirigir um olhar não mitificado para MFL, como se tivesse sido uma obra firmemente elaborada sobre planos argumentativos altamente dialógicos. O que Sériot (2010) aponta, com argumentos calcados em termos, expressões e fórmulas de uso do discurso reportado do outro, é que MFL se revela como um texto monológico. Essa verificação, contudo, não desqualifica as reformulações dos conceitos no campo da filosofia da linguagem que reviraram o mundo intelectual nessa esfera das pesquisas tanto na Rússia como no mundo ocidental. Por fim, fica a última manifestação de Sériot (2010, p. 66), para quem

MFL não é um tratado de linguística, nem uma exposição de filosofia marxista, mas um tipo de psico-sócio-semiótica do comportamento verbal na interação interindividual, em um sistema de pensamento onde a literatura e a “Vida” se remetem permanentemente uma a outra.

Sériot acompanha, curiosamente, o modo argumentativo de Volochínov: direto, enfático, sem margem a dúvidas.

## Referências

- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BRANDIST, C. *Repensando o Círculo de Bakhtin*: novas perspectivas na história intelectual. Tradução de Helenice Gouveia e Rosemary H. Schettini. São Paulo: Contexto, 2012.
- BRONCKART, J-P.; BOTA, C. *Bakhtin desmascarado*: história de um mentiroso, de uma fraude, de um delírio coletivo. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.
- SÉRIOT, P. Préface: Volosinov, la philosophie de l'enthymème et la Double nature du signe. In: VOLOSINOV, V. N. *Marxisme et philosophie du langage*: les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage. Limoges: Lambert-Lucas, 2010. p. 13-109. Édition bilingüe traduite du russe par Patrick Sériot et InnaTylkowski-Ageeva.
- SÉRIOT, P. *Volosinov e a filosofia da linguagem*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- TILKOWSKI, I. *Volosinov en contexte*: essai d'épistémologie historique. Limoges: Lambert Lucas, 2012.
- VOLOSINOV, V. N. *Marxisme et philosophie du langage*: les problèmes fondamentaux de la méthode sociologique dans la science du langage. Limoges: Lambert-Lucas, 2010. Édition bilingüe traduite du russe par Patrick Sériot et InnaTylkowski-Ageeva.

**Data de submissão:** 20/02/2017

**Data de aceite:** 15/05/2017